



Cartas de aconselhamento: espaço dialógico da socioconstrução da imagem de si

Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques^{1*} e Vera Lúcia Pires²

¹Universidade Federal do Pampa, Rua Conselheiro Diana, 650, 96300-000, Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil. ²Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: marisocorro@yahoo.com.br

RESUMO. Este artigo é resultado do trabalho final de Mestrado desenvolvido na linha de pesquisa Linguagem no contexto social do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria - RS (UFSM). Tivemos como objetivos principais analisar os índices de modalização presentes no gênero discursivo carta de aconselhamento a fim de observar como eles auxiliam na construção da imagem de si. Estamos interessadas na análise da imagem que as autoras dessas cartas constroem no seu discurso. Objetivamos verificar se os discursos dessas cartas rompem com o estereótipo tradicional da figura feminina e seu papel social ou pontuam papéis tradicionais. O *corpus* deste trabalho foi composto por duas cartas de aconselhamento, publicadas na coluna Consultório Sentimental da Revista Veja disponibilizada na internet e assinada pela colunista Betty Milan (2007a, b e c). A análise foi realizada com base nos preceitos de Bakhtin (1986, 1992) acerca da concepção de linguagem, dos gêneros do discurso e de seus constituintes, da noção de *ethos* discutida por Amossy (2005) e Maingueneau (2001, 2005, 2008) e de Kerbrat-Orecchioni (1986) acerca dos índices de modalização. Os estudos sobre mídia e construção social de gênero nos ajudaram a verificar o papel da mídia na veiculação dos papéis sociais de mulheres e homens nas relações sociais.

Palavras-chave: gênero discursivo, *ethos*, mídia, índices de modalização, relação social de gênero.

Counselling letters: a dialogical space for the self's social construction

ABSTRACT. The aim of this work is analyze the rates of modalization in the discursive genre *advice letter*, in order to observe how they help in the construction of self image. We are interested in the analysis of images that the authors of letters build in their discourses. As second objective, we intend to verify if the discourses of the letters break with the traditional stereotype of female figure and its social role or pointed traditional roles. The *corpus* of that work is compound for six *advice letters* published in the column *Consultório Sentimental* of *Veja.com* Magazine and signed by the columnist Betty Milan (2007a, b and c). The analysis is made based in the rules of Bakhtin about the genres of discourse, the notion of *ethos* discoursed by Amossy (2005) and Maingueneau (2005, 2008) and of Kerbrat-Orecchioni (1986) about the rates of modalization. The studies of Bakhtin were used to analyze the *advice letters* while genre of discourse, considering theirs constituents (theme, style, and composition) and theirs authors. As the studies about media and social construction of genre, we intend to point the role of media in the spread of social roles of women and men in social relations. These are built in the interaction among women, men and society.

Keywords: discursive genre, *ethos*, media, rates of modalization, social relation of gender.

Introdução

Nos últimos anos, a Linguística Aplicada tem buscado novas possibilidades de teorizar e de fazer linguística numa perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, comunicando teorias de campos diversos, que investigam a relação entre vida e sociedade. As teorias *queer*, as teorias pós-estruturalistas, as pós-modernistas, dentre elas os estudos de gênero, são algumas das teorias com que atualmente os linguistas aplicados têm se ocupado.

Moita Lopes (2006) afirma que tal movimento, ou seja, o de pensar linguística associado aos estudos das ciências sociais e das humanidades, o levou a

defender a presença de uma Linguística mestiça nos estudos da linguagem. Para ele, a ação de politizar o ato de pesquisar e de pensar alternativas para analisar a vida social e, assim, explicar as mudanças contemporâneas é parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer Linguística Aplicada.

Concordamos com Moita Lopes (2006, p. 22) quando ele pontua a preocupação em investigar o sujeito na sociedade, “[...] seus atravessamentos identitários construídos pelo discurso” e também as maneiras de construir conhecimento sobre esse sujeito (sua classe, seu sexo, sua raça, sua etnia). Temos interesse nas colocações desse estudioso da

linguagem, pois consideramos que nosso trabalho se filia a essa perspectiva, já que comunicamos conhecimentos teóricos, metodológicos da Linguística da Enunciação, com os estudos sobre *ethos* discursivo e com os estudos da relação social de gênero e mídia.

Este artigo constitui-se de três partes principais: apresentação do aporte teórico que calca a nossa investigação, a análise e discussão dos dados e a reflexão final.

Aporte teórico

Neste espaço, vamos discutir pontos importantes para a realização da análise das cartas de aconselhamento, selecionadas para este trabalho. Sendo assim, apresentaremos, num primeiro momento, considerações acerca da concepção de linguagem que norteia este trabalho. Num segundo, teceremos algumas observações sobre os gêneros do discurso e seus constituintes (tema, estilo e composição). Por fim, discutiremos questões sobre a construção da imagem de si e sua relação com as modalidades enunciativas e com as relações sociais de gênero e mídia.

A Natureza da Linguagem

Os estudos sobre a linguagem, desenvolvidos por Bakhtin e pelo Círculo, apontam para uma análise/teoria dialógica do discurso, que se embasa na relação indissociável entre língua, linguagens, história e sujeitos. Assim, a concepção de linguagem, de produção e constituição de sentidos, nos enunciados e nos gêneros do discurso, está calcada nas relações discursivas entre sujeitos historicamente situados.

O discurso, isto é, a língua tomada em sua integridade concreta e viva passa a ser estudado a partir de uma perspectiva dialógica, pois contempla tanto o interno da língua quanto a exterioridade.

Sobre isso, Bakhtin (1992, p. 183) afirma:

As relações dialógicas são extralingüísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas.

A linguagem se desenvolve nas relações sociais, por isso ela é resultado da atividade humana e está calcada na comunicação social vista como interação. Bakhtin/Voloshinov (1986, p. 123) afirma que a verdadeira substância da língua é constituída,

[...] pelo fenômeno social da interação social, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Segundo o filósofo, o diálogo compreende tanto o sistema linguístico concreto quanto os aspectos contextuais da situação de interação. Sendo assim, o dialogismo não pode ser descrito apenas no aspecto lógico-semântico, porque quando essa relação se materializa no discurso (enunciado) é tomada por um determinado locutor que mobiliza seu discurso de acordo com as regularidades e especificidades do gênero discursivo que utiliza. Por essa razão, cabe salientar o que se entende por gênero e seus constituintes.

Gêneros do discurso

Para Bakhtin (1992), todas as esferas da sociedade, por mais diversas que sejam, possuem como ponto comum o uso da linguagem, que se concretiza por enunciados orais e/ou escritos. Segundo o estudioso, os enunciados refletem tanto as condições específicas de cada esfera de atividade humana quanto suas finalidades pelo seu conteúdo temático, pela seleção dos recursos oferecidos pela língua (estilísticos) e por sua construção composicional. Esses três aspectos compõem a totalidade dos enunciados, os quais são marcados pela especificidade de determinada esfera de comunicação humana.

Dessa forma, Bakhtin (1992, p. 279) afirma que,

[...] qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus 'tipos relativamente estáveis' de enunciados, sendo isso que denominamos 'gêneros do discurso'.

Ele chama a atenção dos estudiosos da linguagem para a importância do estudo da diversidade dos gêneros do discurso nas diversas esferas de atividade, porque qualquer trabalho concreto com a língua não deve ser desvinculado da vida, da sociedade, da ideologia.

Os gêneros do discurso são inúmeros, já que cada esfera social possui seus próprios gêneros que, pela plasticidade, fluidez e dinamicidade, se diferenciam e se ampliam de acordo com a necessidade da esfera de atividade humana. Como exemplos de gêneros do discurso, podemos citar a conversa familiar, um telefonema, uma reunião de negócios, um artigo, uma resenha, uma intimação judicial, uma carta de conselho, uma receita, uma sentença judicial, entre outros.

Cada esfera social possui diversos textos de acordo com a atividade de comunicação humana e seu falante/escritor evoca diversos recursos

linguísticos para afirmar, confirmar, expressar o seu posicionamento, a sua atitude avaliativa frente a determinado assunto evocando a construção da imagem desse locutor.

Segundo o teórico, o discurso se molda à forma do enunciado de um sujeito falante e/ou escritor, assim o tema, a composição e o conteúdo dos enunciados possuem características estruturais comuns e fronteiras determinadas pela alternância dos sujeitos. Sobre isso, Rodrigues (2001, p. 39) aponta que a alternância dos sujeitos se dá “[...] pelo fato de que o falante conclui o que objetivava dizer (*dixi* conclusivo)”, assim o falante termina o seu enunciado concedendo a palavra ao seu interlocutor, presente ou não, para ceder o lugar à sua resposta. Essa troca de parceiros estabelece tanto a fronteira entre os enunciados como também os materializa em algum gênero discursivo.

Além das considerações sobre os gêneros do discurso, o filósofo apresenta, no seu estudo, três componentes verbais presentes nos gêneros discursivos, que trataremos na próxima subseção.

Constituintes verbais dos gêneros do discurso: tema, estilo e composição

Os enunciados únicos e individuais apresentam características verbais comuns, tais como o tema, o estilo e os aspectos composicionais. Esses componentes identificam os gêneros do discurso como pertencentes a uma determinada esfera de comunicação verbal e não a outra.

Para Bakhtin, o tema, ou seja, o objeto de sentido, varia conforme as esferas de comunicação e assim carrega a ideologia desse espaço social. Segundo o estudioso, o tema de um enunciado,

[...] recebe um acabamento relativo, em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, e de suas práticas discursivas, do material, dos objetos por atingir (BAKHTIN, 1992, p. 300).

Sendo assim, o tema está interconectado com o ‘intuito definido pelo autor’, que vai determinar o gênero, no qual os enunciados serão estruturados em uma determinada interação social. É na interação que tanto o sujeito quanto o discurso se constituem adquirindo sentido nas práticas sociais.

O tema analisado como elemento do gênero perde a sua singularidade, característica do momento da enunciação e passa a ter um conteúdo temático regular. Esse conteúdo temático do gênero é constituído pela esfera de comunicação discursiva, pela situação de interação verbal, pelo todo concreto do enunciado, pela seleção e profundidade dos aspectos do real, que são expressos na explicação dos fatos e pela avaliação social.

Camargo-Grillo (2006, p. 1.828) afirma que a avaliação social “[...] define todos os aspectos do enunciado, isto é, determina a escolha do conteúdo e da forma, e estabelece a relação entre eles”. Em relação ao todo concreto do enunciado, essa estudiosa afirma que para Bakhtin o tema é composto no todo, na situação comunicativa concreta e não na estrutura frasal, em outras palavras, o tema faz parte do discurso e não das formas linguísticas presentes no gênero discursivo.

Sobre o estilo de um gênero discursivo, Bakhtin afirma que ele está ligado ao dialogismo, pois para o estudioso o discurso é dialógico, ou seja, é orientado para outras pessoas. Nas palavras de Rodrigues (2005, p. 160), o discurso “[...] objetiva uma reação-resposta ativa (imediate ou não, verbal ou não, exterior ou interior)”.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin (1986) acrescenta que a circunstância de comunicação verbal e os participantes dessa interação, de uma maneira ou de outra, determinam tanto a forma quanto o estilo da enunciação. Dessa forma, cada esfera de atividade humana utiliza, nas relações sociais, tipos específicos de enunciados, tipos de gêneros específicos.

Essa tipificação dos enunciados está relacionada às regularidades comuns, reconhecidas pelos falantes, que se constituem historicamente nas situações diárias de interação social. Tais regularidades, de acordo com Brait (2005), não são estáveis, pois como se inscrevem na língua e nos usos historicamente situados, podem apresentar variáveis de acordo com o objetivo pretendido. Conforme Brait (2005, p. 95), a relação estilo e gênero “[...] implica em coerções lingüísticas, enunciativas e discursivas, próprias da atividade em que se insere”.

Somado a isso, o estilo está associado ao fato de o gênero dirigir-se a alguém, ou seja, o estilo depende da maneira que o locutor percebe seu destinatário. Nas palavras de Bakhtin (1992, p. 321):

A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e, sobretudo, o estilo, do enunciado.

Bakhtin (1992) afirma que moldamos a nossa fala às formas do gênero utilizado e isso permite que ao ouvirmos a fala do outro, saibamos, nas primeiras palavras, de qual gênero se trata.

Quanto ao aspecto composicional dos gêneros, Bakhtin não faz referência apenas à sua estrutura e ao seu acabamento, mas também ao papel dos interlocutores na interação verbal. Portanto, o produtor/autor de um texto leva em consideração as

opiniões, as convicções, os preconceitos do destinatário, fatores que permitem uma compreensão responsiva do enunciado.

Ethos: a imagem de si no discurso

Todo ato enunciativo implica na construção de uma imagem de si. O locutor, ao ativar suas competências linguísticas e enciclopédicas e a manifestação ou não das suas crenças, efetua em seu discurso, pelo seu estilo de escrever e/ou falar, uma representação de si que é apreendida na interação.

Nesse contexto, entendemos que *ethos* é o termo que designa a imagem de si que se constrói no discurso. Podemos entendê-lo como a representação do locutor que se depreende tanto por quem enuncia quanto pelas modalidades de sua enunciação, pela sua postura, por seu estilo.

A incorporação do termo *ethos* na ciência da linguagem encontra-se na teoria polifônica da enunciação de Oswald Ducrot. O estudioso não desenvolveu um estudo restrito sobre o *ethos*, mesmo havendo uma zona de convergência entre a argumentação, seu campo de estudos, e a noção de *ethos*.

Dominique Maingueneau expande esse estudo e busca mostrar que a imagem de si aparece em toda troca verbal. Para esse autor (2005, p. 16), “[...] o enunciador deve se conferir e conferir a seu destinatário certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber”. De acordo com o estudioso (2001, p. 98), é por meio da enunciação que se revela “[...] a personalidade do enunciador”. O linguista (2001, p. 98) também acredita que o “[...] orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: eu sou isto, e não aquilo”.

Assim, o modo de dizer contribui para o estabelecimento da inter-relação entre o locutor e seu interlocutor, além de permitir a construção de uma imagem desse locutor quando este a representa a partir dos índices discursivos.

Ethos, segundo Maingueneau (2008, p. 18), implica a maneira de o sujeito ser e estar no espaço social que é identificada pelo destinatário a partir das,

[...] representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo, a mocinha romântica.

O enunciador, de acordo com esse estudioso (2005), se expressa desta ou daquela forma de acordo com um quadro interativo, inscrito numa dada configuração cultural que implica papéis, lugares e

momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação.

Nessa direção, Amossy (2005) introduz na análise do *ethos* a noção de estereótipo. Ela argumenta que tal noção deve ser considerada para o estabelecimento do *ethos* porque a imagem de si construída no discurso é reconhecida a partir das representações compartilhadas e relacionadas com a cultura de um grupo. A estereotipagem, para Amossy (2005, p. 125), “[...] é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema cristalizado”. A comunidade avalia um sujeito e instaura um modelo pré-construído com base no grupo a que pertence, na classe social em que circula, na sua etnia, no posicionamento político. O locutor produz seu discurso de acordo com o seu destinatário e este antecipa um valor ao locutor de acordo com os estereótipos a ele atribuídos.

Nessa linha, Amossy (2005, p. 27) afirma que,

[...] é o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e à situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem.

Considerando os itens relacionados ao estudo sobre o *ethos*, podemos afirmar, assim como Amossy e Maingueneau, que a construção da imagem de si está ligada à enunciação, conseqüentemente, para interpretá-la e entendê-la, cabe observar a inscrição do locutor e a construção da sua subjetividade na língua.

Para analisar essa inscrição do sujeito, tomaremos como base teórica os estudos de Kerbrat-Orecchioni (1986). A autora chama a atenção para a análise do extralinguístico em toda e qualquer manifestação discursiva, porque afirma ser impossível descrever adequadamente os comportamentos verbais sem considerar o contexto em que os enunciados são proferidos, sem considerar a ideologia articulada no momento enunciativo.

Para Kerbrat-Orecchioni (1986), o universo do discurso contempla a situação de comunicação e as limitações estilístico-temáticas, fatores importantes que contribuem para a construção da imagem de si. Segundo a autora (1986), o discurso oral/escrito, o espaço de comunicação, o objeto de reflexão são fatores que permitem ao sujeito enunciador formar uma imagem de si. De igual importância para a construção da imagem de si são as restrições temático-retóricas e a relação emissor-receptor.

Sobre a relação emissor-receptor, a estudiosa afirma que,

[...] en la competencia cultural de los miembros de la comunicación es necesario incorporar la imagen

que se forman de ellos mismos, que se hacen del otro y la que se imaginan que el otro hace de ellos: no se habla a un destinatario real, sino a aquello que se cree saber de él, mientras que el destinatario decodifica el mensaje en función de lo que él cree saber del emisor (KERBRAT-ORECCHIONI, 1986, p. 36)¹.

Em adição, a teórica afirma que essa imagem pode mudar no momento da interação, como argumentam Amossy (2005) e Maingueneau (2005, 2008).

A autora busca identificar e descrever as marcas do ato enunciativo na enunciação, ou seja, observa os lugares de inscrição dos diferentes constituintes que o compõem. Para ela (1986), os atos enunciativos são “[...] las huellas lingüísticas de la presencia del locutor en el seno de su enunciado, los lugares de inscripción y las modalidades de existencia de lo que con Benveniste llamamos ‘la subjetividad en el lenguaje’².

Kerbrat-Orecchioni desenvolveu uma Teoria da Enunciação que se ocupa em estudar as unidades subjetivas nos enunciados. Podemos entender essas unidades como marcas linguísticas que identificam o emissor no centro de seu enunciado, ou seja, os lugares de ‘inscrição’ do sujeito e as modalidades da existência dessa inscrição. Seu estudo está metodologicamente restrito à problemática dessas marcas (1986).

O emissor, para construir seu discurso, não busca livremente itens lexicais disponíveis no seu repertório linguístico, pois há, segundo a autora, filtros que restringem as possibilidades de escolha. Esses filtros dependem das condições concretas da comunicação (contexto) e da escolha do gênero discursivo.

A estudiosa realizou um estudo com substantivos, adjetivos, verbos e advérbios enquanto categorias linguísticas que se identificam como lugares de apreciação, apresentando traços de subjetividade cuja significação é definida no enunciado.

Para Kerbrat-Orecchioni, os substantivos, caracterizados como categoria axiológica, podem sinalizar uma descrição do que está sendo denotado e também podem lançar um juízo avaliativo de apreciação ou depreciação sobre o objeto denotado. O locutor ao descrever e/ou qualificar algo e/ou alguém usa certo substantivo a fim de convencer o

seu interlocutor sobre a imagem que ele quer passar sobre algo ou alguém.

Sobre os adjetivos, a teórica os divide em duas categorias: adjetivos objetivos e adjetivos subjetivos. Os adjetivos subjetivos dividem-se em adjetivos afetivos e adjetivos avaliativos (não axiológicos e axiológicos).

Em relação aos verbos subjetivos, a estudiosa estabelece três distinções que se devem considerar quanto à análise dessas categorias. A primeira reside em quem faz o juízo avaliativo, a segunda evidencia o que é avaliado e a terceira se preocupa em saber qual é a natureza de tal juízo (bom/mal; verdadeiro/falso). Kerbrat-Orecchioni se interessa por quem faz o juízo avaliativo e, para estudar os verbos subjetivos, a autora, considerando a natureza dos juízos, divide-os em:

A- Verbos ocasionalmente subjetivos	B- Verbos intrinsecamente subjetivos
- verbos de avaliação boa/má: - verbos de sentimentos; - verbos de dizer.	- verbos de avaliação boa/má.
- verbos de avaliação verdadeira falso/incerto: - verbos de apreensão perceptiva; - verbos de apreensão intelectual.	- verbos de avaliação verdadeira falso/incerto: - verbos de julgamento; - verbos de dizer; - verbos de opinião.

Sobre os advérbios, a linguista afirma que eles oferecem exemplos de todas as unidades subjetivas (termos afetivos e avaliativos, axiológicos e não axiológicos e modalizadores). A estudiosa não desenvolve um trabalho detalhado sobre eles, apenas enumera alguns princípios, em relação à modalização, a fim de classificá-los em diferentes subclasses.

Tais categorias nos permitem formar uma imagem do nosso interlocutor por aquilo que este fala ou escreve nas diversas esferas de ação humana, por exemplo, nos textos midiáticos ricos em juízos de valores e, além disso, buscam de uma forma ou de outra perpassar discursivamente imagens de homens e mulheres contemporâneos.

Mídia e construção social de gênero

Ao propor um diálogo entre mídia e relação social de gênero, cabe registrar neste espaço considerações acerca da definição de gênero e, posteriormente, a relação com a mídia. Os trabalhos sobre gênero social eclodiram com o surgimento de novas pesquisas, o que levou as estudiosas a buscarem teorias que efetivamente contribuíssem com a problemática. Segundo Scott (1995), foi no final do século XX que se manifestou uma preocupação teórica em relação ao termo gênero enquanto categoria analítica, pois era necessário analisar

¹Na competência cultural dos membros da comunicação, é necessário incorporar a imagem que se forma deles mesmos, que fazem do outro e a que se imaginam que o outro faz deles: não se fala a um destinatário real, mas sim àquilo que se acredita saber sobre ele, enquanto que o destinatário decodifica a mensagem em função do que ele acredita saber sobre o emissor” (tradução nossa).

²As marcas linguísticas do locutor no centro de seu enunciado, os lugares de inscrição e as modalidades de existência do que com Benveniste chamamos ‘a subjetividade na linguagem’” (tradução nossa).

como funcionavam as relações sociais e como elas se organizavam na história e organizavam a história. Para a estudiosa, a definição de gênero é composta de duas partes:

- (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

As relações sociais de gênero são construídas socialmente em todas as instâncias por meio dos discursos, das doutrinas, da mídia, da escola. Ser mulher e ser homem é um processo contínuo, não linear e nunca completo, pois tal construção sofre influência de diversas instituições sociais e práticas sociais. A escritora Simone de Beauvoir sintetiza esse processo com a sua conhecida frase 'Não se nasce mulher, torna-se mulher'.

Assim sendo, entende-se que a mídia contribui diariamente para a construção progressiva da relação de gênero e reflete em seus discursos e nos que veicula valores tradicionalmente instituídos do que é ser mulher e ser homem em nossa época.

Os discursos midiáticos produzem efeitos de sentido na vida social e assim abrigam estratégias que visam à concretização de certas ações sociais mediadas pela linguagem. A mídia, pelo seu poder persuasivo, permite às pessoas tomarem certos posicionamentos sobre determinados comportamentos e representações sociais, sejam eles conservadores ou não, o que possibilita à sociedade pensar e repensar sobre a vida moderna/contemporânea e seus valores.

A relação social de gênero é um construto histórico e, nesse contexto, a mídia é um espaço no qual podemos acompanhar o movimento das mudanças sociais. Ghilardi-Lucena e Barzotto (2002) afirmam que os valores estabelecidos na sociedade passam a ser divulgados pela mídia, construindo, desse modo, uma imagem das mulheres ou refletindo uma imagem que elas, os homens e a sociedade fazem da figura feminina.

Ghilardi-Lucena e Barzotto (2002), em adição, apontam que os discursos da mídia movimentam enunciados que aderem ora a comportamentos tradicionais ora àqueles que acompanham a emancipação das mulheres e a modernidade.

De acordo com as estudosas (2002), a mídia, no final do século XX, retratou as principais transformações da imagem das mulheres contrapondo à imagem dos homens, ou seja, alguns atributos antes restritos e característicos da imagem deles passaram a ser característicos da nova mulher. As mulheres modernas, segundo a autora, estão mais decididas, mais livres, assim, novos comportamentos foram perpassando no discurso da mídia.

Nesta fase, a figura feminina calca-se nos novos comportamentos, os quais estão relacionados com a razão, a inteligência, a liberdade, a força de lutar pela igualdade. Desse modo, a figura feminina está mais independente do homem e aparece com mais ousadia na conquista amorosa. Diante de tantas conquistas e transformações, percebe-se que as mulheres não temem expor seus anseios, seus medos, suas incertezas nem suas conquistas na mídia.

Novas relações sociais de gênero se constituem e, consequentemente, novas identidades, novas imagens de si são construídas socialmente resultantes da interação entre 'eu' e o 'outro' e materializadas pela linguagem, pelo discurso.

Segundo a pesquisadora, é por meio da língua/linguagem que os discursos naturalizados na sociedade a partir de modos de viver, de pensar e de falar, que determinam, de certa forma, o que deve ou não ser dito, o que deve ou não receber um juízo de valor, são muitas vezes solidificados pela mídia. Esta atua tanto na produção quanto na circulação de discursos que determinam como devemos observar e avaliar a relação mulher/homem na sociedade, em casa, na vida profissional.

As relações sociais de gênero são constituídas a partir da interação mulher/homem na sociedade e havendo mudanças sociais haverá mudanças nessas relações. Nas palavras de Ghilardi-Lucena e Oliveira (2008, p. 18), "[...] os papéis sociais de homens e mulheres estão se alterando e o século XXI mostrará atitudes e comportamentos bem diferentes daqueles dos séculos passados". Esses papéis sociais, as atitudes e os comportamentos de mulheres e homens contemporâneos são alvos da mídia, que acompanha as mudanças sociais e atinge toda a sociedade pelas revistas, pelos jornais, pela internet, pela televisão.

Marcello (2005) afirma que os meios de comunicação, ancorados em diversas estratégias de linguagem, mostram-se como o lugar privilegiado da informação, buscando captar o leitor na sua intimidade, produzindo nele a possibilidade de se reconhecer e/ou reconhecer (supostas) verdades veiculadas na mídia. Desse modo, os leitores podem se autoavaliar a partir do apelo dado à exposição da intimidade, que se torna pública no meio virtual/eletrônico.

Atualmente, muitas revistas impressas possuem seu endereço na internet. Nele, além de algumas matérias presentes na forma impressa, publicam colunas que somente podem ser lidas no *site*. A revista *Veja* é um exemplo dessas revistas, pois na sua versão impressa há uma página que publica as colunas e as matérias que podem ser encontradas no

meio virtual/eletrônico (*blogosfera*). Tal espaço pode ser acessado tanto pelos leitores assinantes quanto pelos que não são assinantes. A coluna a que nos referimos neste trabalho, Consultório Sentimental, na época do estudo era publicada somente no meio virtual/eletrônico.

As revistas são textos de cultura de massa mais lidos pelas pessoas, afirma Caldas-Coulthard (2005). Elas têm um papel importante na manutenção e inovação dos valores culturais de gênero e da sociedade. Dialogando com essa assertiva, cremos que a ocupação do meio virtual/eletrônico pelas revistas se dá para acompanhar uma nova maneira de vida. Acreditamos que foi pela busca por novos atrativos, novas maneiras de chegar até o leitor e de atraí-lo, que a revista *veja.com* optou por publicar o gênero carta de aconselhamento, típico de revistas femininas. Além disso, o novo espaço de circulação pode-se configurar como uma estratégia para atrair mais leitores, possibilitando a eles o acesso às demais colunas da revista ali publicadas.

Organização contextual e textual das cartas de aconselhamento

Retomando o que pontuamos nos pressupostos teóricos, Bakhtin discute a diversidade dos gêneros do discurso e afirma que cada esfera de comunicação social possui gêneros diversos que atendem a determinado objetivo. Sendo assim, cada gênero discursivo apresenta peculiaridades que classificam os gêneros do discurso em uma determinada esfera de comunicação verbal bem como características estruturais verbais (tema, estilo e composição).

As cartas analisadas, neste estudo, circulam na esfera midiática, portanto, pública. Elas podem ser entendidas, na perspectiva de Bakhtin, como os gêneros de caráter íntimo, sobre os quais o estudioso argumenta que:

[...] os gêneros e os estilos íntimos repousam numa máxima proximidade interior entre locutor e o destinatário da fala. [...] O discurso íntimo é impregnado de uma confiança profunda no destinatário, na sua simpatia, na sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o locutor desvela suas profundezas interiores. É isso que determina a expressividade particular e a franqueza interior desses estilos (BAKHTIN, 1992, p. 323).

A partir da leitura das cartas, podemos afirmar que o locutor seleciona fatos que marcam e/ou marcaram a sua vida e, a partir deles, expõe seu problema e pede uma 'solução', não buscando apenas compreender-se, mas também compreender as diversas relações interpessoais das quais participa. Com isso, a

profundidade dos aspectos do real é expressa resumidamente, porque o texto não deve ser muito extenso devido à estrutura composicional do gênero discursivo.

Nas cartas, o discurso problematizador das mulheres direciona o estilo dos enunciados. Assim, elas organizam seu discurso usando marcas linguísticas que as auxiliam a discorrer sobre a sua história, a sua intimidade, sobre seu problema.

As cartas de aconselhamento, aqui analisadas, apresentam marcas linguísticas que caracterizam seu estilo, como: verbos funcionando como índices de modalização, predominância da narração no relato do problema do leitor, exposição da intimidade da leitora, o que pressupõe a confiança depositada na colunista/especialista. O discurso desta também apresenta um estilo característico desse gênero associado ao seu estilo de escrever, por exemplo: dita seus conselhos seguindo comandos e/ou sugestões e motiva o leitor para mudar de atitude, usa outras vozes no seu conselho, usa citações de obras literárias como um recurso de autoridade.

As cartas configuram-se como espaços de circulação da intimidade, no qual as mulheres refletem seus anseios, suas dúvidas, suas inquietações. Nesse discurso, o locutor vai construindo uma imagem de si pelas escolhas linguísticas que faz. Nessa interação (eu – outro), juízos de valores são manifestados para avaliar as diferentes condutas de mulheres e homens que estruturam a sociedade.

Neste trabalho, entendemos que as cartas analisadas, produzidas em condições sociais específicas, confirmam pelas formas linguísticas nelas impressas (estilo) e pela organização do texto (composição) a existência de sujeitos que falam de si. São autores que criam discursiva e dialogicamente uma imagem de si.

Em relação à composição, as cartas de aconselhamento dividem-se em duas partes: a carta escrita pela leitora e a carta da colunista, ou seja, estão organizadas em pergunta-resposta, conforme mencionado anteriormente. A primeira parte apresenta características narrativas, enquanto a segunda, que representa literalmente a carta de aconselhamento, apresenta uma estrutura exortativa, já que nela os conselhos e comandos são ditados pela colunista.

Caldas-Coulthard (2005, p. 129) aponta que as narrativas estão presentes em todas as épocas, em todas as sociedades e em diferentes lugares em forma de fábulas, cartas, mitos, biografias, entre outros. Com base nisso, a autora afirma que,

[...] o texto narrativo é um dos mais atraentes ao representar vívidas experiências humanas, as narrativas em primeira pessoa são um dos esquemas organizacionais mais usados em revistas de cultura de massa (CALDAS-COULTHARD, 2005, p. 130).

Elas são caracterizadas por um ponto de interesse, ou seja, um relato instigante para que obtenha êxito.

Pereira e Almeida (2002), com base nos estudos de Longacre (1992), afirmam que para o estudioso os textos exortativos têm a função de modificar o comportamento dos leitores influenciando-os a fazer ou deixar de fazer algo. As respostas dadas às cartas enviadas pelos leitores podem ser consideradas textos exortativos porque atuam como enunciados que direcionam as atitudes do leitor em relação a determinado assunto.

Segundo o autor, os textos exortativos são formados por quatro partes:

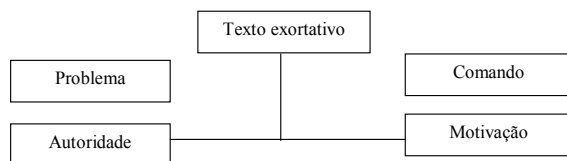


Figura 1. Esquema proposto por Longacre (1992 apud PEREIRA; ALMEIDA, 2002) para análise dos textos exortativos.

O problema sempre está presente nos textos exortativos, pois a leitora só escreve porque tem um problema a ser solucionado. A colunista retoma o problema exposto pela leitora antecipando o comando/sugestão, como pode ser observado nos seguintes exemplos:

Carta 1: “Ser mãe não tem nada a ver com escutar as neuras dos filhos adultos” (linha 14).

Carta 2: “Enquanto você não sair da posição subjetiva atual, não terá como se separar do seu marido”(linha 21).

Depois da apresentação do problema, o papel da autoridade torna-se fundamental já que é ela que estabelece os comandos e/ou sugestões para o seu interlocutor. Neste caso, a autoridade que responde às cartas é a própria colunista, visto que é psicanalista e assim pode responder ao leitor e ditar os comandos e/ou sugestões com credibilidade.

Pereira e Almeida (2002) apontam que os comandos caracterizam o texto exortativo, pois é nessa etapa que a/o colunista dita passos e/ou ordens com a finalidade de mudar o comportamento do seu interlocutor em relação ao seu problema. Em nosso *corpus*, constatamos os seguintes comandos/sugestões:

Carta 1: “Você só precisa escutar o suficiente” (linhas 15-16).

Carta 2: “O seu marido não precisa da sua complacência e sim de tratamento. Que tal dizer isso a ele na próxima crise de choro?” (linhas 31-32).

O último aspecto do modelo de Longacre é a motivação. Longacre (1992 apud PEREIRA; ALMEIDA, 2002, p. 253) argumenta que as motivações são “[...] essencialmente ameaças com previsões de resultados indesejáveis e promessas com previsões de resultados desejáveis”. Nas cartas analisadas, encontramos a motivação nos seguintes fragmentos:

Carta 1: “Faça o que for necessário a fim de ir para onde a sua liberdade te levar. Quem gosta de você, saberá te apoiar” (linhas 24-26).

Carta 2: “Do contrário, você estará sendo cúmplice do vício e até poderá ser responsabilizada. O sentimento é perigoso e, às vezes, malévolo” (linhas 31-33).

Podemos visualizar, nas cartas, as quatro partes dos textos exortativos estudadas por Longacre que serviram de suporte para descrever a organização das cartas de aconselhamento.

Análise dos índices de modalização e discussão dos dados

Para a análise, selecionamos duas cartas. A primeira é a carta *Contrato de mãe*, publicada no dia 23 de maio de 2007 e a segunda é a carta *Atoleiro*, publicada no dia 3 de setembro de 2007. As duas cartas versam sobre conflitos familiares e correspondem ao relacionamento interpessoal: mãe x marido e filhos; esposa x marido.

Carta 1: Contrato de mãe

Estou casada há mais de 40 anos e não me lembro se, em algum momento, eu me senti identificada com o meu casamento. Tive quatro filhos, mas sempre sonhei com os meus dias de liberdade. Costumo dizer que mãe deveria ter contrato com tempo de duração. Os meus filhos são adultos, com família constituída. Não quero aturar as suas neuras. Meu marido não aceita a minha posição e isso é motivo de muita discussão entre nós. Dá vontade de pegar o chapéu e dizer até logo. Será que eu sou uma mãe terrível? Cumpri minha obrigação em relação a todos quando eram pequenos. Tenho ou não o direito de ir para onde minha liberdade me levar?

Seu e-mail me surpreendeu. Gostei da frase “mãe deveria ter contrato com tempo de duração”. Claro que durante a infância dos filhos, o tempo de atenção da mãe é necessariamente maior. Nesse período, ela até pode adiar os projetos incompatíveis com a dedicação exigida para o desempenho da função materna, de cuja importância ninguém duvida. O futuro da civilização depende dos valores que os pais transmitem.

Agora, ser mãe obviamente não tem nada a ver com escutar as neuras dos filhos adultos, que podem consultar um especialista para superar suas dificuldades subjetivas. Você só precisa escutar o suficiente para saber encaminhá-los. Se os seus filhos e o seu marido não sabem poupar o seu tempo, eles é que não estão se comportando como devem.

Em *A Brevidade da Vida*, referindo-se à cegueira do espírito humano, Sêneca diz que “Ninguém permite que sua propriedade seja invadida e, havendo discórdia quanto aos limites, por menor que seja, os homens pegam em pedras e armas. No entanto, permitem que outros invadam suas vidas... Não se encontra ninguém que queira dividir a sua riqueza, mas a vida é distribuída entre muitos! São econômicos na preservação do seu patrimônio, mas desperdiçam o tempo, a única coisa que justificaria a avareza”.

Você será terrível consigo mesma se não for avara em relação ao seu tempo. Faça o que for necessário a fim de ir para onde a sua liberdade te levar. Quem gosta de você, saberá te apoiar.

Texto da leitora

A autora da carta 5 apresenta-se pelos anos de casamento “Estou casada há mais de 40 anos” (linha 1) e, nesse momento, já expõe a sua inquietação “[...] não me lembro se, em algum momento, eu me senti identificada com o meu casamento. Tive quatro filhos, mas sempre sonhei com os meus dias de liberdade” (linhas 1-3) Percebe-se que a autora dessa carta vive em conflito com o seu papel de esposa-mãe.

Apesar de ter constituído família, o que poderia ser uma alegria, quando enuncia “[...] sempre sonhei com meus dias de liberdade” (linha 3), fica pressuposto que ela nunca foi feliz vivendo como esposa e mãe. Acrescenta que ‘Não quero aturar as suas neuras’ (a dos filhos) (linhas 4-5). Perpassa no seu discurso um descontentamento com os filhos e com o marido já que ele ‘não aceita’ a sua posição.

Observamos que a presença dos advérbios e expressões ‘se algum momento’, ‘sempre sonhei’ sinalizam a sua decepção e a sua esperança de mudança em relação à condição que ocupa. Os verbos ‘não me lembro’, ‘não quero’ mostram os seus sentimentos.

A autora termina a carta perguntando “Tenho ou não o direito de ir para onde a minha liberdade me levar?” (linha 8) Fica explícito que a autora tenta formar uma imagem de uma mulher que se sente aprisionada ao casamento, aos filhos, e almeja pelos dias de liberdade.

Texto da colunista

A colunista avalia a autora como um sujeito que deve lutar pela sua liberdade, já que está presa ao lar

e infeliz nessa situação. Desse modo, exorta a leitora a mudar de atitude, como podemos verificar nos seguintes enunciados:

“Você será terrível consigo mesma se não for avara em relação ao seu tempo. Faça o que for necessário a fim de ir para onde a sua liberdade te levar” (linhas 24-26).

Carta 2: Atoleiro

Tenho 29 anos, trabalho e sou formada em Letras. O que eu vivo é uma tortura. Ao longo dos cinco anos de casamento, meu marido foi se tornando cada vez mais assustador. Começou a beber com frequência. Depois, foi trabalhar no turno da noite e passou a consumir cocaína vez ou outra. Agora, faz isso com frequência, principalmente quando bebe. O pior é que nem para o meu psiquiatra eu contei pois, apesar de toda a infelicidade, não consigo me separar em definitivo. Sempre que tentei, ele se desesperou, teve crises de choro, jurou que nunca mais se drogaria. Acabei voltando. Tomo antidepressivo para controlar o mal-estar. Como me livrar desse casamento que só tem feito mal a mim e à minha filha? Como ir embora sem me sentir culpada?

Você não conta para o psiquiatra. Vai vê-lo para que ele receite o antidepressivo com o qual você controla o mal-estar. Ou seja, vai para manter o status quo. Faz do psiquiatra um uso contrário a você mesma. Isso é mais frequente do que se imagina.

Sua posição é masoquista e me faz pensar numa entrevista dada por Françoise Giroud, que além de jornalista foi secretária da Condição Feminina na França. A entrevista data do lançamento do best seller que ela escreveu com Bernard Henri Levy, em 1996, *Homens e Mulheres*. Giroud então disse: “O masoquismo feminino é um traço adquirido, resultado de uma longa educação, em particular da educação cristã, que ensinou as mulheres a serem resignadas, a aceitar tudo”. A isso, no entanto, ela acrescentou: “elas estão deixando de ser masoquistas. A prova é a dificuldade existente hoje de recrutar enfermeiras”.

Enquanto você não sair da posição subjetiva atual, não terá como se separar do seu marido. Ficará no mesmo atoleiro. O antidepressivo talvez seja necessário, porém não propicia a nova consciência de si que você precisa. Quanto antes você for procurar alguém que seja digno da sua confiança e saiba escutar, melhor para você, sua filha e seu marido.

Na verdade, você e ele são o espelho um do outro. Ele faz de você o uso que você faz do psiquiatra: um mau uso. Ele se destrói e você também. Seu casamento poderia ter inspirado o poema *Destruição* de Carlos Drummond de Andrade: “Os amantes se amam cruelmente/e com se amarem tanto não se veem/Um se beija no outro, refletido/ Dois amantes que são? Dois inimigos”.

O seu marido não precisa da sua eterna complacência e sim de tratamento. Que tal dizer isso a ele na próxima crise de choro? Ou mesmo antes disso. Do contrário, você estará sendo cúmplice do vício e até poderá ser responsabilizada. O sentimentalismo é perigoso e, às vezes, malévolo.

Texto da leitora

Nesta carta, a autora identifica-se pela idade e pela formação acadêmica. Em seguida, apresenta o seu problema “O que vivo é uma tortura” (linha 1), o qual já aponta a sua situação e relata o porquê de viver assim: “[...] meu marido foi se tornando cada vez mais assustador. Começou a beber com frequência [...] passou a consumir cocaína” (linhas 2-3). A grande mágoa em que vive a deixa muito infeliz. A leitora forma, no seu discurso, a imagem de uma mulher aflita e talvez envergonhada pela situação em que vive, pois relata que não contou para o psiquiatra o que se passa no seu lar.

Esse sentimento aumenta quando afirma que, “[...] apesar de toda a infelicidade, não consigo me separar em definitivo” (linha 6). Ela já tentou se separar, o que podemos confirmar com a expressão ‘não consigo’, porém há algo que a prende ao casamento, ao marido: ele “[...] jurou que nunca mais se drogaria” (linha 7) e diante dessa condição, ela permanece submissa a ele.

Por fim, pergunta “Como me livrar desse casamento que só tem feito mal a mim e à minha filha? Como ir embora sem me sentir culpada?” (linha 8-10). A leitora constrói, no seu discurso, a imagem de uma mulher sentimentalista, sofredora, esposa-mãe que está num verdadeiro ‘atoleiro’, porém, mesmo sabendo qual atitude deve tomar, não quer se sentir culpada por abandonar seu marido.

Texto da colunista

A colunista define a leitora como masoquista, “[...] sua posição é masoquista” (linha 14) e cita Giroud, que refere: “O masoquismo feminino é um traço adquirido, resultado de uma longa educação, em particular da educação cristã, que ensinou as mulheres a serem resignadas, a aceitar tudo” (linhas 17-18).

A essa imagem de mulher masoquista, a especialista argumenta “Enquanto você não sair da posição subjetiva atual, não terá como se separar do seu marido” (linha 21).

Por fim, a colunista exorta a leitora a mudar de atitude em relação ao seu marido: “[...] o seu marido não precisa da sua eterna complacência e sim de tratamento. Que tal dizer isso a ele na próxima crise de choro? Ou antes disso” (linhas 19-20).

A nossa análise nos permitiu observar que, nas cartas, temos histórias diferentes: as mulheres que

traem seus maridos, as que não querem assumir a diferença de idade e aquelas divididas entre o papel de esposa-mãe.

Diante das diferentes histórias, há semelhanças entre elas: todas as mulheres são movidas pela dúvida, pelo medo, o que as leva a contar suas experiências em troca de um conselho que solucione os seus problemas. Problemas esses comuns para muitas mulheres, porque quem nunca ouviu uma história semelhante a essas nas rodas de conversa, na casa da vizinha, ou mesmo de uma amiga íntima?

Tornadas públicas essas experiências, podemos afirmar que a mídia projeta tanto mudanças quanto a permanência de comportamentos cristalizados que sinalizam para uma determinada imagem feminina.

Com base nos dados das cartas, (re)elaboramos um quadro comparativo, ancorado na pesquisa de Ghilardi-Lucena e Barzotto (2002), que pode ser visto na Figura 2.

TRADIÇÃO	MODERNIDADE
Dependência	
Submissão	Liberdade
Fragilidade	Força psicológica
Aceitação	Decisão
Dedicada ao lar	Dedicação a si própria
Ser “igual”	Ser ‘diferente’

Figura 2. Quadro comparativo das mudanças e permanências da imagem feminina.

Constatamos, no recorte analisado, a permanência da imagem da dependência, da submissão, da fragilidade, da aceitação, da dedicação ao lar e da necessidade de ‘ser igual’. A mudança está na imagem da mulher que quer liberdade, da que tem força psicológica, da decisiva, da mulher que se dedica a si própria e da mulher que busca ser ‘diferente’.

Os índices de modalização utilizados pelas autoras das cartas, tais como os verbos querer, dever, ter, culpar, conseguir, lembrar; os advérbios não, nunca, sempre; os adjetivos terrível, culpada, masoquista; os substantivos liberdade, tortura, para citar alguns, parecem funcionar como usos linguísticos que interferem na construção da imagem de si (*ethos*).

Os verbos mais frequentes que encontramos nesse recorte foram os verbos de sentimento o que talvez justifique as dúvidas sentimentais, as crises identitárias porque estão passando essas leitoras. Isso as leva a expor publicamente um problema porque esperam, provavelmente, justificativas e/ou soluções para a atitude que querem tomar, com o consentimento de uma profissional. Elas procuram uma ‘amiga’ que concorde com elas e a colunista é a profissional e amiga que as aconselha.

Considerações finais

Verificamos que há mudanças na construção da imagem dessas mulheres, mas elas não aparecem claramente nos discursos das leitoras como se essas estivessem inseguras diante das novas situações que estão vivendo.

Por meio da análise, constatamos que as leitoras que escrevem pedindo conselhos esperam uma justificativa para o que querem ou para o que estão fazendo. Elas querem tomar certas atitudes cientes do consentimento de um profissional, visto como um amigo que pode vir a concordar com elas. De certa forma, são submissas à opinião alheia.

A revista está disposta a ajudá-las e é sensível à situação porque elas passam. Essas leitoras precisam de quem lhes dê apoio imparcial, que se sensibilize com a situação/problema que estão vivendo. É como se a revista fosse solidária com o problema que elas vivenciam/enfrentam.

Desse modo, constata-se que as leitoras estão procurando uma opinião de quem não pertence ao círculo íntimo delas e que a revista está disposta a ouvi-las e apresentar-lhes soluções rápidas para os seus dilemas.

A nossa pesquisa não pretende ditar como única a análise realizada, pois temos a convicção de que diferentes possibilidades de análise podem obter diferentes resultados.

Por fim, esperamos que este trabalho, de alguma forma, possa contribuir para os estudiosos da linguagem, que atuam no ensino superior, médio e fundamental, os quais se preocupam com questões de mídia, gênero, gênero discursivo, *ethos* e enunciação e discutem-nas na sala de aula.

Referências

- AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**: a construção da imagem do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.
- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. (VOLVOCHINOV, V. N) **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2005.
- CAMARGO-GRILLO, S. V. A noção de “tema do gênero” na obra do Círculo de Bakhtin. **Revista Estudos Linguísticos XXXV**, v. 1, n. 35, p. 1825-1834, 2006.
- CALDAS-COULTHARD, C. R. O picante sabor do proibido: narrativas pessoais e transgressões. In: FUNCK, S. B.; WIDHOLZER, N. R. (Org.). **Gênero em discurso da mídia**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.
- GHILARDI-LUCENA, M. I.; BARZOTTO, H. V. **Nas telas da mídia**. Campinas: Alínea, 2002.
- GHILARDI-LUCENA, M. I.; OLIVEIRA, F. **Representações do masculino**: mídia, literatura e sociedade. Campinas: Alínea, 2008.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La enunciación**: de la subjetividad en el lenguaje. Buenos Aires: Hachette, 1986.
- MAINGUENEAU, D. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY R. (Org.) **Imagens de si no discurso**: a construção da imagem do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Ed.). **Ethos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.
- MARCELLO, F. A. Dispositivo da maternidade: a fecundidade dos saberes na mídia contemporânea. In: FUNCK, S. B.; WIDHOLZER, N. R. (Org.). **Gênero em discurso da mídia**. Florianópolis: Editoras Mulheres, 2005. p. 159-185.
- MILAN, B. **Consultório sentimental**. Disponível em: <<http://www.veja.com.br/bettymilan>>. Acesso em: 24 maio 2007a.
- MILAN, B. **Contrato de mãe**. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/blog/consultorio-sentimental/arquivo/contrato-de-mae/>>. Acesso em: 24 maio 2007b.
- MILAN, B. **Atoleiro**. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/blog/consultorio-sentimental/arquivo/atoleiro/>>. Acesso em: 4 set. 2007c.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- PEREIRA, J. S. V.; ALMEIDA, M. B. “Sabe tudo sobre tudo”: análise da seção de cartas-perguntas em revistas femininas para adolescentes. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru: Edusc, 2002. p. 239-258.
- RODRIGUES, R. H. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros, teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

Received on October 19, 2011.

Accepted on July 19, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.